

## **“A Bahia ainda é a Bahia” – memória autonomista e conservadorismo no discurso histórico de Luiz Viana Filho (1938)**

Eduardo Ferreira da Silva Pereira<sup>1</sup>

Resumo:

Este estudo preliminar se dirige ao exame da operação historiográfica de Luiz Viana Filho, partindo de um aspecto pontual da sua produção intelectual: a exaltação da resistência liberal na Revolta Separatista de 1837. Esta, demonstra o empenho do pensamento autonomista na legitimação de uma “vocação” histórica, através da elaboração de um discurso, de viés conservador, que visava a legitimação do seu projeto político durante o Estado Novo.

Palavras-chave: Autonomistas - Conservadorismo - Liberalismo - Intelectuais

Sobre os homens, o tempo histórico e as encenações que compõem o jogo político, Karl Marx sentenciou: “Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias. a tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos”<sup>2</sup>. No âmbito da elaboração de tradições, a produção da intelectualidade tradicional conservadora<sup>3</sup> na Bahia, agremiada na Concentração autonomista, se apresenta como veículo de naturalização de um olhar conservador para o processo histórico baiano, incidindo sobre temas diversificados.

O delineamento desse processo, será feito, aqui, a partir obra *A Sabinada: (República Bahiana 1837)*, de Luiz Viana Filho<sup>4</sup>, demonstrando o empenho na legitimação da “missão” histórica dos autonomistas baianos, organizados contra as ações centralizadoras do Estado brasileiro; a mistificação biográfica de figuras clássicas do liberalismo baiano e a celebração do individualismo liberal como motor de

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós Graduação em História - Universidade Federal da Bahia.

<sup>2</sup> MARX, Karl. O 18 de Brumário de Luis Bonaparte. São Paulo: Boitempo. 2011.

<sup>3</sup> Nos termos de GRAMSCI, António. Os intelectuais e a organização da cultura. São Paulo: Civilização Brasileira. 1982.

<sup>4</sup> Luiz Viana Filho (em 28 de março de 1908 – 5 de junho de 1990), foi jurista, historiador, deputado federal e governador da Bahia, entre 1967-1971, tendo se notabilizado nas atividades intelectuais pela produção de biografias como *Rui Barbosa e os militares* e *Mangabeira: um homem na tempestade*. Na produção historiográfica produziu *A Sabinada (A República baiana de 1837)*, no ano de 1938, sendo essa a sua primeira publicação no campo.

transformações sociais significativas serão as chaves dessa argumentação, mas não consistem nos únicos aspectos possíveis para a problematização do discurso histórico produzido pelo historiador.

Saliente-se, que, nesta análise o objetivo não está numa discussão dos aspectos intrínsecos dos objetos trabalhados nas obras de Viana Filho. São, sim, as motivações e o acionamento de dispositivos ideológicos a partir do seu fazer historiográfico, na condição de membro de uma facção política baiana que teve a sua ação tensionada pela conjuntura política do Estado Novo. Em tempo, será - preliminarmente - discutida a sua obra: *A Sabinada (República Baiana 1837)*.

A Concentração Autonomista da Bahia, corrente política de orientação liberal, constituída em torno da oposição ao governo de Getúlio Vargas, em 1933, contou com a participação de uma intelectualidade ativa; disposta a recorrer ao discurso histórico para a afirmação do seu projeto sócio-político para o estado. Na sua produção intelectual, a corrente caminhou no sentido da elaboração de argumentos para a invenção das suas próprias tradições<sup>5</sup>, atuando fortemente no campo da historiografia. Abre-se, assim, o debate sobre a relação entre historiografia e memória na produção intelectual dos autonomistas.

A abordagem ao tema do autonomismo é cercada de carências. No entanto, as meditações já realizadas cumprem um papel importante na caracterização do período como sendo um palco de conflitos sociais e de confrontação de projetos nacionais e regionais que se comunicam e, como no caso autonomista, se repelem. O que nos interessa mais centralmente nesta proposta, são as disputas simbólicas, situadas na produção de memórias sobre a história baiana, bem como a respeito das inserções de grupos políticos da região na defesa da sua posição, em face à instabilidade daquela Bahia e daquele Brasil.

Eliana Batista<sup>6</sup> estuda as recepções e incursões do autonomismo nos interiores da Bahia, entre 1932-1937. Fundando a (LASP) Liga de Ação Social e Política, os autonomistas passaram a se organizar na campanha contra Getúlio Vargas, em nome da “desumilhação da Bahia”. Mesmo dotada de um caráter difuso, do ponto de vista

---

<sup>5</sup>HOBBSAWM, Eric. “Introdução: a invenção das tradições”. In: HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs.) – A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1984, p. 9

<sup>6</sup>BATISTA, Eliana. Reações à concentração autonomista no interior da Bahia. (1932-1937). *Anais XVII Simpósio Nacional da Anpuh*. RN. 2013.

programático, e heterogênea na formação do seu corpo de “militantes”, a Concentração conseguir se articular como grupo pela via do ressentimento em relação ao centralismo do Estado varguista.

Fora este o argumento principal para a congregação de membros de uma classe dirigente que se viu tolhida por uma estrutura institucional desfavorável à conservação dos seus interesses materiais. No trabalho da autora, a recepção ao autonomismo é relativizada, revelando divergências em relação à capacidade de difusão das suas ideias, que enfrentaram obstáculos em regiões como o Sul da Bahia e em Santo Amaro, o que se depreende da campanha anti-autonomista dos jornais *O Município* e *Jornal Oficial e Diário da Tarde*. As colorações da dissidência variavam de uma discordância com as ideias de autonomismo e regionalismo, até a fidelidade ao juracismo, que circulava em torno da figura de Juracy Magalhães, governador da Bahia entre 1931-1937.

No bojo da redemocratização, articulada na luta contra o Populismo varguista no Estado Novo, Ede Soares<sup>7</sup> discute a construção do discurso histórico na Bahia, analisando a “Bahia comunista”, ou “o conjunto formado por setores da sociedade civil e do aparelho estatal que estiveram sob controle ou foram influenciados pelos militantes do Partido Comunista atuantes no estado. Nesse quadro, Ede destaca a atuação de intelectuais oriundos de setores das elites baianas na composição de um campo de circulação de ideias e de ação da militância comunista no estado.

Esse exercício é fundamental na caracterização das forças políticas que participaram de campanhas contra o governo central,. Dotadas de projetos políticos completamente distintos. Inclui também a existência de uma intelectualidade orgânica que se mostrou ativa e combativa. Produzindo uma historiografia situada no campo de disputas para a elaboração de uma memória coletiva<sup>8</sup> sobre o processo histórico baiano.

---

<sup>7</sup> SOARES, Ede. Os intelectuais da “Bahia Comunista” e a construção do discurso histórico na redemocratização. In: LIMA, Marcelo Pereira, MASCARENHAS, Maria José Rapassi, MEDICCI, Ana Paula. Veredas da História Política.

<sup>8</sup> Na perspectiva de HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013. No sentido de reconstrução do passado vivido por parte dos grupos sociais, por meio de experiência.

Em Passos<sup>9</sup>, o aspecto fundamental da análise está nos usos da história da Bahia, na sua afinação com o discurso autonomista no âmbito da retomada ao posto diretivo do estado. O enfoque se dirige ao quadricentenário da Bahia, em 1949. O autor costura a atuação do então governador da Bahia, Otávio Mangabeira, juntamente com a do prefeito de Salvador, Elísio Lisboa, ambos intelectuais e políticos autonomistas, na organização das festividades de efeméride.

#### **- Autonomismo e Conservadorismo -**

Na esteira desta dimensão simbólica, as tradições podem ser estabelecidas na medida em que são apropriadas por um determinado discurso político ideológico, tendo a função de fortalecer ou ganhar a hegemonia social<sup>10</sup>. No caso autonomista, pode-se definir como uma manifestação do pensamento conservador.

Segundo Mercadante, o conservadorismo:

[...] Parte de uma pragmática que não cumpre divagar sobre as situações em que se encontram os homens naturalmente ajustados. Dir-se-ia não haver problema equacionado na ordem natural das coisas, e eis a justificativa de um estrado de espírito despido em inquietações. As reações conservadoras diante dos fatores imanes e situações determinadas consistiriam em atitudes habituais, e nesta situação o pensamento tranquilamente aceita o existente, como se fosse a exata ordem das coisas e do mundo<sup>11</sup>

Nesse sentido, a visão social de mundo do conservadorismo conduz ao interesse pela reconstituição do passado, feita de acordo com os ajustes que são necessários para a atualização do discurso sobre as tradições no presente. Para Löwy, conservadorismo “circunscreve um conjunto orgânico, articulado e estruturado de valores, representações,

---

<sup>9</sup> PASSOS, Alan. A cidade de Salvador e os seus 400 anos: política, história e usos do passado (Bahia, 1949). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em História - Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2016

<sup>10</sup> MAYER, Arno. A força da tradição. São Paulo: Cia das Letras. 1978. Anais I Seminário de Pesquisa da Linha Sociedade, Relações de Poder e Região. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia. Salvador. PPGH, UFBA. p.144-162.

<sup>11</sup> MERCADANTE, Paulo. A consciência conservadora. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. p.217.

idéias, e orientações cognitivas, internamente unificado por uma *perspectiva* determinada, por um certo ponto de vista socialmente condicionado.”<sup>12</sup>

A palavra chave talvez seja a ideia de “legitimação”, em torno da qual rondam os projetos políticos e de poder desses grupos sociais. Outro ponto fundamental é a diferenciação entre *Tradicionalismo* e *Conservadorismo*, na obra de Maria Bernadete Carvalho. A autora opõe estas duas “visões”, mas num primeiro plano reconhece a confusão habitual entre elas, por conta da similaridade que carregam no seus significados e aplicações. No entanto, categoriza o conservadorismo pela sua capacidade de lançar mão da tradição:

[...]de forma bastante peculiar, pois esta que é a materialização da identidade sócio-cultural, que identifica sujeitos isolados a uma produção social definida, construindo o sentimento de pertencimento a um grupo; passa a ser um motivo de engessamento, de manutenção do status quo.<sup>13</sup>

Por fim, a autora diferencia Conservadorismo e Reformismo. Os dois conceitos são abordados como diferentes concepções a respeito da consciência da modernização, que se traduz através da necessidade “de estar em constante atualização”. No campo da conservação, essa consciência “se constrói de uma forma muito própria, que é a modernização conservadora”<sup>14</sup>.

Conservadores e Reformistas formam distintas entendimentos sobre a relação entre as transformações históricas e a ordem social. Enquanto os primeiros defendem uma transição sempre pactuada com a ordem, sem se situar, jamais, fora dela; os segundos a percebem como uma contradição “em si”, a partir do que apontam para a necessidade de transformação da sua natureza, o que os motiva a envidarem esforços no sentido de apostarem nas ferramentas criadas dentro da própria ordem para a sua superação “lenta, gradual e segura”. O que une essas duas vertentes é a discordância fundamental com as perspectivas revolucionárias, que promovem a ruptura política com as estruturas burocráticas e técnicas, preservadas para manterem vivas as instituições e o

---

<sup>12</sup>LÖWY, Michael. As aventuras de Marx contra o Barão de Münchhausen. São Paulo: Cortez. 1998

<sup>13</sup>CARVALHO, Maria Bernadete Oliveira de. Ser Conservador. Revista Espaço Acadêmico. N.50. UEM-Maringá. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2JWD7hc>. Acesso em: 31.03.2019

<sup>14</sup>Ibidem.

modelo de sociedade vigente. São portanto, orientações que partem de uma idealização do social,

O movimento intelectual do autonomismo pode ser enquadrado numa visão conservadora, que se utiliza do discurso histórico como ferramenta de difusão da ideologia liberal. Nesta relação os reais interesses historiográficos de Luiz Vianna Filho, nem as suas virtudes descritivas estão sendo desconsideradas; o exame da sua produção parte do princípio da crítica. Se dirige, portanto, à problematização da relação delicada entre história e memória no campo historiográfico baiano, em textos cuja escrita sobre episódios do passado do liberalismo no estado se confundem com os interesses materiais do presente vivido pelo autor.

Desta sorte, no âmbito da reflexão no processo de escrita de uma História Intelectual do autonomismo baiano, encaminha a análise da operação historiográfica de Vianna em relação à Revolta Separatista de 1837, situada no campo das efemérides da Sabinada, movimento insurrecional reconstruído na memória do autonomismo como fruto da iniciativa e do caráter heróico (e não revolucionário) dos liberais baianos;

#### **- Luiz Vianna Filho e memória da Sabinada -**

A categorização de Luiz Vianna Filho como intelectual tradicional parte da análise da sua defesa da ordem oligárquica através da preservação de costumes e memórias glorificadoras do liberalismo baiano. Sobre a formação das classes sociais na Bahia, Guimarães (1982) apresenta que a hegemonia burguesa no estado “se formou sob a liderança de sua facção financeira”<sup>15</sup>, num processo que se consolida na década de 50. Nessa perspectiva, a atuação de Vianna no campo do autonomismo é atravessada pela afirmação do regional pelo ponto de vista de uma tecnocracia burocrática, defensora da ordem social pelo ponto de vista da preservação do seu protagonismo político.

Sobre a função intelectual, Gramsci propõe que:

Todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais...  
Formam-se assim, historicamente, categorias especializadas para o exercício da função intelectual;

---

<sup>15</sup> GUIMARÃES, Antonio Sergio A. "A Formação e a Crise da Hegemonia Burguesa na Bahia". Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia. 1982.

formam-se em conexão com todos os grupos sociais, mas sobretudo em conexão com os grupos sociais mais importantes, e sofrem elaborações mais amplas e complexas em ligação com o grupo social dominante. (p. 18-19).

Considerando a disputa de diferentes grupos pela hegemonia na Bahia, essa atuação não esteve condicionada apenas por uma dicotomia entre forças políticas do estado e forças políticas nacionais; foi, também, resultado do tensionamento de facções políticas e grupos sociais no interior sociedade baiana, no conjunto das transformações propiciadas pela modernização da sociedade e da direção política do estado.

No interior dessa agenda, o livro *A Sabinada (A República bahiana de 1937)*, do historiador Luiz Viana Filho produzido no âmbito das celebração do Centenário da Revolução Separatista de 1837, elabora discursivamente o papel histórico dos liberais baianos na defesa dos interesses regionais contra a centralização do poder do Estado. Silva analisa a obra de Viana como uma produção de natureza ensaística e “preocupação monográfica”. Nela “o que o historiador procurou reconstituir foi um momento de manifestação das ideias liberais na Bahia. Antes de se revelar como mais uma manifestação de caráter regionalista<sup>16</sup>”.

A respeito da Sabinada, “a movimentação revolucionária não se resume nem se inicia na tomada de poder pelos rebeldes a 7 de novembro. “Meses antes já era intensa a propaganda e a crítica política” e “as reuniões de clubes liberais eram do conhecimento de todos, inclusive das autoridades policiais. Como principal articulador das ideias radicais surge a figura do médico, professor e publicista Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira”<sup>17</sup>. Por volta de 7 de Novembro houve o que a historiografia sobre o tema e os protagonistas do movimento tratam como o estopim da mobilização revoltosa, justamente quando “a capital da Bahia ficou sem nenhum dos seus governantes. A partir daí têm início as movimentações políticas e militares centrais do episódio

Importante salientar que o movimento em questão tinha como pauta principal a separação da Bahia em relação à capital Coroa, alocada o rio de Janeiro, porém, “em sua

---

<sup>16</sup> SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de Tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador: Edufba. 2011. p-154

<sup>17</sup> SERZEDELLO, Juliana. *Identidade e políticas raciais na Sabinada*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2008.

primeira ata: em 11 de novembro, o Estado da Bahia reiterava sua independência, mas passava a afirmar que voltaria ao conjunto do Império com a coroação de Pedro II.” Aguardariam, portanto, príncipe atingir a maioria.

O símbolo da resistência para os autonomistas, A Revolução Separatista de 1837, fora, deste modo, uma “revolução pactuada”, em negociação direta com a assunção do herdeiro direto ao poder. Não contava, assim, com um programa de libertação do jugo português de forma definitiva, com uma ruptura definitiva com a ordem. Para mais, cabe um exame minucioso da produção historiográfica<sup>18</sup>, definindo a natureza e o projeto de sociedade dos insurretos.

A efeméride da Sabinada foi oficializada pelo governador Juracy Magalhães, em 1937. Em virtude da sua oposição a Vargas, desde o rompimento com o governo central, Magalhães, ex-pessedista, se situara no campo do autonomismo baiano, superando a rivalidade histórica com a corrente, numa rivalidade gestada durante o período do exílio de Otávio Mangabeira (1938-1945). Esse processo culmina com a aglutinação<sup>19</sup> do autonomismo no conjunto União Democrática Nacional (UDN), para a articulação do pleito de 1945.

Em 26 de Novembro de 1937, o então governador assinou a Lei nº 136, estabelecendo as comemorações da “Sabinada”. Além dos eventos comemorativos, a lei patrocinaria a publicação da documentação relativa ao acontecimento de 1837, intitulada *A Revolução de 7 Novembro de 1837 (Sabinada)*, do Arquivo do Estado da Bahia. A obra foi composta em cinco volumes e editada pela Escola Typográfica Salesiana<sup>20</sup>.

Em razão da mobilização autonomista, em 1937, o Centenário da “Sabinada” representou a transição de um acontecimento presente na memória coletiva baiana para uma “memória-papel”, através da sua tradução discurso histórico e jornalístico. “Ao se

---

<sup>18</sup> Cf. BRAZ do Amaral. *A Sabinada*. In PAEBa, vol 2, o texto foi apresentado pelo autor em 03.05.1909. FILHO, Vianna. *A Sabinada (A República baiana de 1837)*. Rio de Janeiro: José Olimpyo Editora. 1938. p.10.

PINHO Wanderley. “A Bahia, 1808-1856.

SOUZA, Paulo Cesar. *A Sabinada – a revolta separatista da Bahia 1837*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>19</sup> SILVA, Paulo Santos. *A volta do jogo democrático. (Bahia 1945)*. Salvador. Assembléia Legislativa. 1992.

<sup>20</sup> Nota de Paulo Santos Silva.



tornar um assunto de historiador, a Sabinada passou a ser “um campo de disputas em torno das representações do passado<sup>21</sup>.”

Na historiografia de Vianna, a construção de uma memória da resistência autonomista perpassa a exaltação da iniciativa individual, através da figura de Francisco Sabino. Nas palavras do autor:

[...] Sabino era um exaltado, um grande exaltado. Apaixonava-se pelas ideias, imprimia-lhes força nova, dava-lhes tudo. Todo ele vibrava ao se dedicar a uma causa. Punha ao seu serviço todo o vigor da sua individualidade. Nele as ideias produziam o efeito dum incêndio; enquanto ardia era deslumbrante; passadas as chamas tudo era cinza, mesmo a ideia porque se inflamara. Abandonava-a, então, para se consagrar a outra, sempre com o mesmo denodo. Não tinha firmeza senão no espírito liberal, que, embora tomando tonalidades diversas, nunca o deixou.<sup>22</sup>

A narrativa glorificadora de estabelece uma conexão entre o perfil “exaltado” do líder da Revolta Separatista e a manifestação de um “espírito liberal”, que seria o responsável pela orientação da práxis política do personagem e, mais adiante, na condução da Sabinada. A utilização simbólica da resistência política desenvolve uma percepção redentora, heróica. Ocorria, assim, elevação da sua tarefa histórica, em defesa dos ideais e da liberdade do povo baiano.

Outro aspecto que se relaciona com a defesa da Sabinada como marco da memória dos liberais no estado é a contestação da autoridade do poder central. Tal “retórica da rebeldia” insere, artificialmente, o autonomismo baiano numa perspectiva revolucionária ausente da sua práxis política no Estado Novo.

Essa perspectiva atualiza a visão conservadora, remetendo ao discurso histórico uma tarefa política imediata. A partir desse olhar, o autonomismo baiano conjugou a prática intelectual à organização no espaço público, sofisticando a argumentação em favor da disputa pela hegemonia no campo simbólico, lançando do uso de um elemento discursivo revolucionário que aponta para a existência de uma vocação autonomista. através do discurso historiográfico, e não somente na difusão da ideologia liberal através dos espaços institucionais de poder, como na ocupação de cargos públicos e na atividade profissional.

---

<sup>21</sup> Idem. Âncoras de Tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949). p. 156.

<sup>22</sup> FILHO, Vianna. Op.Cit. p.8.

Num breve exame do perfil dos candidatos autonomistas ao pleito eleitoral de 1945, pela UDN, se pode perceber uma coesão em relação aos campos de atuação profissional dos personagens, reitera a aproximação entre intelectualidade e atuação política.

Quadro: Candidatos à constituinte federal pela UDN, 1945<sup>23</sup>

CANDIDATOS	ATIVIDADE
Albérico Fraga	Advogado e Professor da Faculdade de Direito
Antônio Cordeiro de Miranda	Médico e Agricultor
Arnaldo Silva	Agricultor
Clemente Mariani	Banqueiro e Advogado
Gilberto Valente	Advogado
Jaime Baleeiro	Advogado
Jaime Junqueira Aires	Advogado e Professor da Faculdade de Direito
João Mendes da Costa Filho	Advogado
João Mangabeira	Advogado
João da Costa Pinto Dantas Júnior	Advogado
José Freitas Jatobá	Engenheiro Civil
Juracy Montenegro Magalhães	Tenente Coronel do Exército
<b>Luiz Viana Filho</b>	<b>Advogado e Professor da Faculdade de Direito</b>
Lauro de Almeida Passos	Médico e Agricultor
Manoel Novais	Médico
Nelson de Souza Carneiro	Advogado
Nestor Duarte	Advogado e Professor da Faculdade de Direito
Otávio Mangabeira	Engenheiro Civil e Professor da Politécica
Rafael Cincorá de Andrade	Advogado e Agricultor
Rui Penalva de Faria	Advogado
Rui Santos	Médico e Professor da Faculdade de Medicina
Silvino Kruchewsky	Advogado e Agricultor
Walfredo Carneiro da Cunha Gonçalves da Silva	Médico

Para um fechamento das ideias, a composição do quadro expõe de forma preliminar o perfil da intelectualidade conservadora do autonomismo. Dos dispostos acima, destaca-se o campo de atuação de Luiz Viana, como advogado e Professor de Direito na Universidade Federal da Bahia. Não se observa no conjunto apresentado qualquer membros de uma elite local interessada na constituição de uma memória de si, dos seus, em favor das suas organizações. Coordenando a produção de saberes históricos a partir dos seus respectivos “lugares sociais”. São estes os inventores de tradições baianas de tempos imemoriais, os bastiões do conservadormismo político que opera no sentido de uma politização do simbólico.

## CONCLUSÃO:

Os usos do passado, desaguam no acionamento político da dimensão simbólica, sendo essenciais na caracterização da atividade intelectual de tendências políticas

<sup>23</sup> Quadro de Paulo Santos Silva.

conservadoras. Operam no âmbito do saber liberal, com uma anacronização da experiência social, que resulta na extensão arbitrária da relação entre o presente e passado.

Três elementos que desempenharam um papel de pacificação simbólica das tensões sociais e raciais no estado, na elaboração de memórias geratrizes de consenso social em meio a uma crise de hegemonia de um grupo político de perfil difusa, em matéria de composição social, mas aglutinado em torno de um projeto liberal para a Bahia; a fim de afirmar a presença de uma classe dirigente em crise, como classe dominante, preservando a perspectiva de um passado glorioso, capaz de legitimar a postura conservadora e sua visão de mundo, na disputa pela hegemonia, pela direção cultural.

Mesmo sendo a história uma ciência que lida com vestígios e, em virtude disso, promove um contato indireto entre sujeito e objeto de conhecimento, ela não deve ser partidária de uma linearização que conecte o ontem e o hoje sem mediações. *A Sabinada faz ecoar o paradigma de uma História Magistra Vitae*<sup>24</sup>. Que se reconecta, pelo viés da incoerência conservadora ao princípio do Progresso iluminista. Mas a despeito dos seus presentismos, do discurso autonomista, bem como as suas práticas devem ser postas à prova da crítica histórica, a fim de se compreender, de acordo com o rigor ciência histórica, os seus contornos, conteúdos e limites.

Estão muito pouco definidas nessas obras as nuances e conflitos sociais. A diversidade de perspectivas dos sujeitos históricos e suas relações, as tensões de viés racial no movimento da Sabinada e, sobretudo, a dinâmica da luta de classes que atravessa esses objetos. Essas matizes do processo histórico estão ofuscadas pelas fortes tintas positivistas e doutrinárias, no que não podem estar dissociadas, é verdade, do papel que desempenham no seu tempo, e que, com a atualização do “estado da arte” na produção de saberes históricos, cambiaram do lugar de análise e compreensão do passado, como trabalhos historiográficos, para o lugar de fontes históricas sobre o pensamento liberal conservador do século XX.

---

<sup>24</sup> <sup>24</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*; tradução, Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006.

## BIBLIOGRAFIA:

GRAMSCI, António. Os intelectuais e a organização da cultura. São Paulo: Civilização Brasileira. 1982.

HOBBSBAWM, Eric. “Introdução: a invenção das tradições”. In: HOBBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs.) – A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1984, p. 9.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos; tradução, Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006.

MARX, Karl. O 18 de Brumário de Luis Bonaparte. São Paulo: Boitempo. 2011.

SERZEDELLO, Juliana. Identidade e políticas raciais na Sabinada. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2008.

SILVA, Paulo Santos. A volta do jogo democrático. (Bahia 1945). Salvador. Assembléia Legislativa. 1992.

SILVA, Paulo Santos. Âncoras de Tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949). Salvador: Edufba. 2011.

SOUZA, Paulo Cesar. A Sabinada – a revolta separatista da Bahia 1837. São Paulo: Brasiliense, 1987.